

Do Amor de João

É uma estória de amor que me trouxeram em cartas, a correspondência apaixonada de João Pereira Lima por sua Juraci particular. Amor de jovem, grande, profundo, eterno (se depender só dele), na melhor linha do Moço Loiro, que não cansava de repetir à sua Honorina: — “Eu te amo com este amor de poeta que, ainda que termine na desgraça, é por força bem belo”. A diferença aqui é que o moço não é poeta nem louro, é um pobre homem do campo, apenas alfabetizado, de 24 anos de idade, que morava no interior do Ceará e teve que deixar seus pagos à procura de vida melhor em terras do sul. E, de longe, há mais de um ano, vive sofrendo a ausência, a saudade, o zelo e, o que é mais grave, uma preocupação constante, feito obsessão, com o comportamento da sua eleita. Pois, o que mais comove no romance é que Juraci, com seus 17 anos, não parece fazer muito caso das juras de amor do noivo e, ao que tudo indica, contraria, desobedece e trai. Isto a tirar pelas cartas dele, porque dela, infelizmente, eu sei apenas que é morena, gordota, alegre, viva, de inesperados olhos castanhos num rosto bastante escuro e muito graciosa, conversadeira, esperta, destas que não querem perder um minuto da vida. Foi ela mesma, aliás, quem emprestou as cartas a uma amiga minha, sabendo para quê.

Melhor do que comentários será transcrever alguns trechos — e aqui eu entro apenas para alterar necessa-

riamente a ortografia e fazer a pontuação estritamente indispensável, a fim de tornar o texto inteligível. Para que os pessimistas, os velhos, os desencantados, os mal-dizentes, os tristes sintam que o amor está mais vivo do que nunca. Senão vejamos estes pedaços de alma do João enviados pelo correio, duas, três vezes por mês.

A primeira, em que ele declara suas intenções, é ainda do Sítio, do interior:

“Cordiais mil saudações sem fim minha querida Juraci boa noite como vamos por este tempo vamos todos com saúde graças a nosso bom Deus. Juraci finalizo estas duas palavras com você quero saber se você quer ficar firme comigo que estou com muita paixão com você. Estou ficando louco por você sob pena de morte consagre seu amor comigo estou muito simpatizado por você não me deixe na solidão por Nossa Senhora querida linda. Para mim ser mais feliz basta nós se unir na igreja com todo amor.”

Pela carta seguinte, em que ele já a trata por noiva, ainda do Sítio, vê-se que Juraci concordou em “ficar firme”:

“Estou bem satisfeito com nosso casamento graças a Deus mas preciso dar para você uma explicação certa, olhe, é o seguinte: se caso quiser casar comigo não escute conversa de ninguém. Com nosso amor só quem pode é Deus. Quanto mais botarem terra em cima mais cria cinza e eu boto flores.”

E, em seguida, um pedido muito importante:

“Olhe, eu vou fazer um pedido para você, pedido de amor, você deixe de caçada com uns pouco de rapaz. Tem gente pela aqui dizendo que vou casar com uma enxirida. Portanto faço este pedido a você se não atender nada feito sobre casamento. Não abuse comigo vou viajar dia 2.”

Em outra carta, depois de tecer ainda comentários sobre o desprezo que ambos devem dar à falação, ou

mais exatamente, à oposição da família dele, João afirma categórico:

“Por mim o nosso amor só tem fim no altar da santa igreja. Olhe também tem uma: Terezinha pode chegar aqui a qualquer hora que de mim ela será despachada.”

E aqui vem a nossa pergunta curiosa: Terezinha será uma pretendente ou uma fofqueira que é preciso evitar? Depois da assinatura, vem um adendo delicioso:

“Esta noite sonhei com você a meu lado. Mundo cruel. Saudades de Ouro Preto.”

Da razão da entrada de Ouro Preto nesta estória, ninguém sabe. Talvez influência duma valsa do mesmo nome, pois, a cidade, é certo que nem um nem outro conhece.

Ainda no Sítio, antes de partir, João tem uma crise de insegurança:

“Muita alegria sentiu minha alma quando recebi sua estimada cartinha, fiquei bastante satisfeito em receber as declarações mais ainda aumentou nosso amor. Juraci pretendo lhe explicar outros sucessos que ainda não falei mas chegou a vez: quero saber se você quer casar comigo sinceramente estou com muita vontade, não posso adivinhar seus pensamentos Deus será advogado do nosso amor.”

Mas o medo maior de João é que a bem-amada deixe o interior e vá se empregar na capital:

“Continuarei com outro problema sobre o caso que você quer ir pra Fortaleza. O problema é seu depende da amizade sendo eu não ia, você pode ir mas eu não me sinto bem porque sei que você lá poderá arranjar outro e esquece de mim. Eu não suporto a ausência que as saudades são grandes. Você é o anjo que mais adoro na minha vida, pelo que você vá para Santa Clara.”

Ah inquieto coração apaixonado, ainda bem não partiu já está pleno de receio e de cuidado, a única dúvida que não tem é a do seu amor por Juraci. A carta

que se segue é ainda mais comovedora, porque é a penúltima que faz antes de partir — e pede aflito:

“Mando perguntar se você vai para casa hoje, peço que se puder vá, quero acertar um problema com você meu bem, hoje seria a última vez por este ano. Se ficou com raiva de mim desculpe o coração apaixonado sou todo seu. Olhe, eu não vou na casa de Madrinha por causa daquela comédia. Estimo que fique satisfeita, se acaso você espera que eu volte de São Paulo.”

A derradeira carta feita do Nordeste, é já a caminho:

“Faço estas duas mal traçadas linhas para dizer que viajei. Peço que sustente o nosso amor não namore com outro, olhe peço que não vá para Fortaleza e se for tenha cuidado na vida, sei que você não me respeita. Não pense que lhe embrulho aguarde as cartas. Se arresgare, não dê cartaz para todo rapaz. Olhe, eu venho só lhe buscar, se Deus quiser. Só isto nada mais estou com muita pressa não vá para Fortaleza. Assina João Pereira Lima seu criado.”



Como ficou dito, João saiu do interior para tentar a vida em São Paulo, mas as cartas são de Planura e, ao que me consta, Planura é uma cidade mineira. Pelo que vão ver, nunca faltará, em cima deste chão, gente sofrendo penas do bem-querer:

“Minha querida quase noiva só namorada, noiva mesmo Juraci como vamos com este tempo tudo com saúde meu amor minha sempre noiva Juraci, será meu maior prazer quando pego neste estimado lapis para dar minhas sinceras notícias também colher as suas, meu bem quase não estou suportando a nossa ausência tanta amizade que tenho a você, Juraci, já escrevi cinco cartas você não respostou mais não tem nada Deus é grande você está

em Fortaleza namorando nem se lembra de mim se eu chegar lá você tiver casado amizade dobra não é brincadeira, imagine eu estou pensando de ir casar e trazer você para cá mas acho que você está para casar em Fortaleza. Mande me dizer também se ficou com raiva de mim porque não me despedi de você naquela noite, não meu bem que eu chorava, me desculpe meus erros, cometi falta de respeito não me despedir do meu amor, olhe pode ficar ciente que vou casar com você.”

Depois de informar que foi acidentado, sem dar detalhes, sem se preocupar com a própria saúde (só o amor importa!) o pobre do João continua longamente no mesmo tom, até dizer assim:

“Meus olhos quando eu lembro de você desmancham-se de lágrimas, por isto todos meus pensamentos são em você eu sei que estou sendo enrolado mesmo, mas não tenho jeito para dar, tenho grande alegria quando me lembro de você. Olhe, Juraci, toda noite sonho com você, sonho rindo e acordo chorando oh que tristeza disso, mas é o jeito meu amor.”

Quatro dias depois, João manda outra carta nestes termos:

“Pego neste meu encantado lapis para dar minhas sinceras notícias. Minha querida você não sabe como estou com meu coração partido de saudade. Sem você meu benzinho estou capaz de morrer. Juraci eu soube que você está em Fortaleza estou mal satisfeito sei que estou levando ponta de todo tamanho mas não tem nada quando eu chegar aí nós acerta tudo, estou com esperança de casar com você e trazer você para cá, você é que sabe, está no seu poder, mas eu penso que vai dar certo. Poderemos casar e viver tranquilos não é meu bem, não esqueço você um momento. Nosso casamento por mim está seguro, não sei por você, pelo que mande um alô.”

Graças a Deus Juraci escreveu duas cartas, que ele acusa, dizendo-se satisfeito. Ao que tudo indica, Juraci

se defendeu da acusação de leviandade alegando que não era “noiva oficial” e em resposta João argumentou muito judiciosamente:

“Certo que você não está de aliança, mas para a moça que tem sinceridade, tanto faz como tanto fez, estou quase sabendo do que se trata por lá olhe você não leve a mal apenas estou falando uma realidade, você gosta de umas certas graças com todo rapaz, eu mesmo não acho graça então peço pedido de amor, peço que pare com estas brincadeiras e estes bate-papos com seus namorados que tem, porque vão dar o que falar para o povo, mais feio fica para mim como o povo falar e vou casar-me com uma moça que tira liberdade com todo mundo, até com homens casados, veja se me faz este pedido. Eu estou para casar com você porque tenho paciência, porque lhe tenho muita amizade.”

Súbito, João anuncia uma decisão muito firme, diz que se Juraci não lhe quiser atender neste pedido, está tudo acabado, mas insiste protestando mais amor e, ao final recomenda: “Vire a folha mais não vire o coração.”

E aqui entra um inesperado personagem. Parece que as más informações de Juraci foram dadas por um certo Ricardo, chegado do Ceará. Vejam só:

“Ricardo falou para mim que pelo agosto você tirou a noite namorando e namorava com quem encontrava, olhe que não sou cachorro portanto se você vê que não quer nada comigo, então me despache, que arranjo outra, eu estou ausente mas sei o que se passa. Para você casar comigo, tem que endireitar, então sua fotografia vai em outra carta se Deus quiser.”

E só agora me dou conta de que os dois são primos. Porque no final desta carta João manda um recado para “a tia Mariinha, minha futura sogra”. E, apesar de todas as ameaças, da pretendida atitude de machão, o infeliz apaixonado não se contém, termina com estas palavras patéticas:

“Meu bem estou chorando por você me resposte esta carta urgente como sem falta. Assina seu desprezado João Pereira Lima.”

Bem se vê que o amor grande, puro, simples, verdadeiro, com força de eternidade, existe ainda, graças a Deus, com toda a beleza e todos os percalços a que está sujeito, com todas as alegrias e os sofrimentos que impõe, com as graças e os desprazeres que pode trazer. Sendo que, no caso em foco, o homem apaixonado tem padecido mais do que gozado, amargurando, mais de um ano, a ausência, a solidão, o desespero da distância grande, a incerteza, a desconfiança — e, ainda por cima, a oposição materna. E não enfraquece, não desiste.

As cartas são ainda de Planura e, na mesma data, nosso herói lírico epistolar escreveu duas, recomendando numa delas: “Leia primeira esta”. Depois do preâmbulo, que é sempre o mesmo, com os clássicos votos de saúde, o homem começa reafirmando suas intenções casamenteiras e, a certa altura, anuncia:

“É o seguinte minha mãe não quer, mas por isto não tem problema, um dia ela vai querer.” Pelo que se depreende, a mãe andou mandando informações pouco lisonjeiras sobre a conduta de Juraci. João reconhece que as ponderações maternas são justas, mas repete as juras de amor e entra na faixa do aconselhamento:

“Você de fato é alegre com todo mundo, você acalma mais um pouco para não dar o que falar, você está lembrada do que passou há tempos atrás, então eu lhe explico, o povo conversa demais, não pense que é ignorância minha que não é, assim você se sai melhor, brincadeira quanto mais pouca, você é quem sabe, apenas faço este pedido.” E, ao terminar a página, faz a costumeira recomendação: “Vire a folha, mas não vire o coração.” No final pede notícias da família do tio Ismael: “Mande me dizer se as meninas dele estão para casar ou estão sobrando.”

Na outra carta, do mesmo dia, começa dizendo:

“Olhe, Juraci, sei que sou desprezado por você, é melhor você dar-me uma facada que eu ficaria mais satisfeito. Portanto peço que se você não quer casar comigo mande me dizer porque não volto mais para a minha terra a não ser para casar com você.”

“Olhe, já tive vontade de pedir a conta e ir embora, mas estou guentando, mas a pulso, tem noite que deito pensando em você, meus olhos se enchem de lágrimas e numa tristeza, tem dias que não como, minha querida, você é toda minha, mas minha mesmo, mande sem falta não esqueça. Olhe sua encomenda vai, pode esperar, a fotografia vai em outra carta, o relógio eu levo. Se Deus quiser, minha amizade é sem fim, meu coração e seu coração Deus dará um jeito para nós unir um com outro.”

E adiante: “Olhe se a mamãe falar alguma coisa sobre nosso casamento você não se incomode deixe ela falar o que quiser deixe para um lado pode ficar tranqüila, que nós dois resolve o problema. Olhe, eu só vou de férias de janeiro até fevereiro vou casar e voltar para cá se Deus quiser. Muitas lembranças para a madrinha Bia e a Comadre, mande me dizer se a Cícera vai casar sem falta. Juraci, vê se encontra um beijo nesta carta. Aqui suspendo a caneta faço o ponto terminar só para não morrer de amor, nem também lhe incomodar e o mais é para nossa vista, quando resolver voltar. Me resposta esta urgente.”

A carta seguinte é do dia imediato — e aí volta o desespero da falta de notícias, volta o ciúme, volta a dúvida, mas João repete a declaração de amor em termos cada vez mais gentis, às vezes derramados demais, quase violentos:

“Acho que você esqueceu de mim porque não me escreve, não faça isto comigo porque estou doente de amor, se não casar com você morro louco de paixão mas acho que é bobagem eu morrer por quem não me ama, eu te amo querida e se você me ama não parece. Tanto bem que eu quero a você e você fazendo isto comigo.

Juraci, se eu soubesse que era assim eu não tinha ficado para casar com você porque pensei que você guardava respeito a mim.”

Mais adiante, quer fazer uma imposição, mas acaba em termos pedintes: “Se não quiser esperar, querendo terminar, pode terminar, que eu não termino, estou com vontade de casar e trazer você, mas creio que você não está querendo querida não faça isto comigo, pelo amor de Deus, se quer me matar deixe para a minha próxima chegada. Por hoje termino com falta de assunto, o mais é só nossa vista, muita lembrança, um beijo e um abraço do seu desprezado noivo João Pereira Lima.”



Poucas vezes um caso de amor me pareceu mais comovente, mais dramático, mais triste e mais belo na sua realidade do que este do João, perdidamente apaixonado por sua trêfega Juraci, porque, justamente, tendo todos os elementos das grandes estórias falta o que se pode chamar de fundamental, falta a certeza de ser correspondido, falta a segurança e é na dúvida que está o trágico desta *love story* dos pobres, que pode até, quem sabe, terminar desgraçadamente. Pois não obstante a sofrência grande promovida pela separação, pela desconfiança, pelos dinheiros pequenos, ainda surge, de quando em quando, um terceiro elemento para deixar mais doido e mais inquieto o coração do homem.

Pelo que se viu, João recebeu, da própria mãe, uma carta denunciando a futura nora, acusando-a de ter recebido dinheiro de um certo senhor casado — e com o dito dinheiro se mandou para Fortaleza a se empregar como doméstica.

Na carta em que aborda o assunto, João quer saber de tudo, mas tem medo da verdade e se predispõe a

aceitar as justificativas da bem-amada, faz questão de se enganar a si mesmo. E diz textualmente:

“Juraci, olhe, neste caso fico sem jeito porque não é impossível que você tenha pegado este dinheiro das mãos deste homem casado, a não ser por empréstimo, mas se foi passado este caso, não tarda eu seio da certeza, eu não trago você nesta fé, não leve a mal, mas se isto for certeza, não conte comigo, deste jeito não serve, peço a Deus que seja mentira. De qualquer maneira depende de você querer vir, mande me dizer se você está empregada em Fortaleza, eu também quero saber qual o problema de você ter desprezado sua velha mãe, que quer dizer isto.”

Faz, em seguida, uma inesperada advertência:

“Olhe lá, meu bem, cuidado, vai devagar, pisa na flor direito, tome nota neste meu conselho.”

Mas depois destas palavras vagamente ameaçadoras, volta ao tom lírico, que é a sua constante:

“Olhe, quando penso em nossa ausência, fico todo tremulado. Por mim eu já devera ter morrido, eu seio que você não gosta de mim.”

No espaço duma semana, o homem se desmancha de novo com estas palavras em que respeitarei o mais possível a grafia:

“Estas cartas missivas são escritas com meu próprio pranto. Tenho que ir embora, depois voltar com você debaixo da aza. Diga se aceita ou não, fale a verdade. Vou mandar uma carta pra sua mãe lhe pedindo em casamento.”

Mas, na mesma carta, lá vem o demônio da perseguição:

“O Ricardo me falou que você estava doidinha para namorar com ele, mas ele não quis.”

Depois de algumas palavras, em que considera mentirosas as informações do amigo, dá uma notícia muito alvissareira: “Olhe, Juraci, já faz um ano que eu deixei da pinga, graças a Deus estou satisfeito.”

E, em seguida, como anúncio do casamento, este aviso delicioso: “Diga para Tio Evaristo que prepare o peru.”

Pobre do João, já não sabe o que faça, manda preparar o peru e, ao mesmo tempo, dirige uma carta a uma prima, por nome Matilde, em que, depois de falar da sua solidão, de dizer que está ganhando quatrocentos cruzeiros por mês, acrescenta — “dá para quebrar um galho”. E vai ao “fim principal”:

“Escrevo esta para saber das sugestões que acontece por aí. Mande me dizer se Juraci está em Fortaleza e também se durante cinco meses que passou aí se não namorou com algum rapaz, como sem falta, que fico devendo a maior obrigação.”

Depois de pedir notícias das primas, dá uma de filósofo:

“Eu sube que Bia está para casar com Tixico, mas eu não acredito, olhe, diga para ela que quem entrar no meio dos vaqueiros tem que ser vaqueiro, cuidado, pode os bois ser brabo.”

Termina perguntando pelos amigos: “E João de Orara como está, mande me dizer se ele já foi aí em Recife. E Miguel Vieira lembrança a eles”.

Vem então uma carta para sua Juraci:

“Eu estou implicado com um assunto que mandaram me falar de você, mas já estou sem saber o que faça de tanta conversa, meu amor, eu já estou sem dioma.”

Felizmente, no meio desta correspondência em que se tem tão poucas notícias diretas da indigitada Juraci, aparece uma carta da mãe, dirigida a ela mesma, cheia de recomendações e pedindo que volte para casa a esperar o pretendente:

“Sim minha filha compre as coisas de maior precisão e venha embora estamos esperando você, estamos todos com saudade. Juraci, se comporte. Juraci, mando lhe dizer que João está cheio de fuxico e Ricardo chegou lá acabou de ajeitar. Mas você não se importe quem faz

os fuxicos é as suas boas amigas. Receba lembranças de Cícero, Maria e Miguel. Sem mais, venha para casar. Uma bênção.”

É fácil concluir que a estória termina mesmo na igreja, com a vitória de Juraci, apesar de toda a sua leviandade. apesar de ter tripudiado sobre os bons sentimentos de João. O pranto da ausência a que ele tantas vezes se referiu vai cessar, eu sei — e imagino o homem cheio de fogo e de ternura e de amor, cheio de alegria no jovem peito, a alma em festa, correndo ao encontro da mulher muito amada. Um homem do povo, simples, um pobre homem de Deus, que abandonou seu chão, seu céu, sua casa, sua família, sua namorada, seus amigos e se atacou à procura de melhores ganhos, volta para casar. Um homem simples, extraordinariamente sensível, um camponês angustiado, em constante solidão de longes terras, vai agora realizar o sonho que sonhava dormindo e acordado.

Coitado, não sabe o que eu sei. Que Juraci declarou calmamente que “marido foi feito para ser enganado”.

Aliás, foi com esta “saudável” disposição que deu o “sim” ao noivo diante do padre, dia 28 que passou. Bem, o resto — ninguém precisa ser profeta para adivinhar.